

dar ouvidos às inspirações divinas e rejeitam a graça divina que com tamanha facilidade entraria em suas almas, se vivessem mais esquecidos de si mesmos e das coisas do mundo, e se aplicassem todos ao amor e ao serviço do Pai, com vontade resolvida de cumprir em tudo sua santíssima vontade. Mas, fazem justamente o oposto e por isto quase todos vão declinando do bem, e praticam o mal com tanta facilidade que apenas disto se apercebem. Quanta aflição sentia no íntimo por este particular e quanto orava ao Pai! de modo que, para consolar-me, muitas vezes Ele fazia-me ver como, por meio de sua potente graça, muitos de meus irmãos se portariam na verdade conforme eu desejava e pedia. Esta visão trazia algum consolo a minha alma, mas não pleno, porque meu desejo se estendia para todos, e aquela multidão que eu via falhar, era causa de ser muito tênue o consolo, e imenso o pesar.

ENCONTRARAM UM VIL TUGÚRIO. Havendo rodado muito, pois, para encontrar algum asilo, por fim encontramos um lugar muito vil. Ali ninguém havia habitado por ser tão mal acondicionado e incapaz de dar conforto a quem quisesse lá estar com as comodidades indispensáveis. Esta foi, portanto, esposa minha, a habitação que tive naquele país, e ainda a muito custo. Ali entramos e como se fosse um palácio fornecido de todo o conforto, demos graças ao Pai. Tanto eu como a diletta Mãe e o fidelíssimo José, com lágrimas de júbilo, prostrados por terra, demos louvores e ações de graças ao Pai, porque se dignava daquela maneira realizar o desejo de meu Coração, como também o da minha Mãe e de José, embora eles sentissem algum pesar, por temor de ver a minha pessoa em tantos padecimentos. Mas eu, que desejava sofrer de todos os modos, em pobreza, em abjeção, e falta do necessário, muito me regozijava por estar reduzido assim, e embora experimentasse alguma amargura por minha diletta Mãe e por José, alegrava-me contudo pelo mérito grande que conquistavam, vendo-os tão resignados às disposições de meu Pai e seguirem com tanta prontidão a sua vontade. Tendo louvado e agradecido ao Pai por aquele pequeno asilo com o qual se dignara prover-me, agradeci-lhe também por parte de meus irmãos que se achavam em semelhantes ocorrências e, vendo-se consolados e providos pela liberalidade de meu dileto Pai, não se recordam de usar para com Ele ato algum de gratidão, dando-lhe graças. Ofereci-lhe ainda o ato tão heróico que havia praticado, porque sendo verdadeiro Filho de Deus e por isso absoluto Senhor do universo, contentei-me com habitação tão vil e pobre. E pedi-lhe se dignasse receber tal ato em suplência por aqueles que não se contentam jamais, e como se fossem donos de toda a criação, tudo querem para seu serviço e comodidade, sem aceitarem sofrer o que significa pobreza e falta do supérfluo. Vendo que disto era atacada a maior parte de meus irmãos, com solicitude maior duplicava as ofertas ao Pai, e cada vez mais me mostrava contente e feliz com aquela grande pobreza, humilhação e abjeção, a fim de que o Pai ficasse satisfeito, como deveras ficava. Com amor inefável contemplava minha humanidade no meio de tantas tribulações, e vendo-a contente e conformada com a sua vontade, muito se alegrava e nisto se comprazia.

Rendidas as devidas graças e feitos alguns atos de adoração ao Pai dileto, unidos aos de minha Mãe e de José, estávamos muito alegres, achando-nos em tamanha pobreza e carentes, de fato, de qualquer socorro humano.

NECESSIDADE DE ALÍVIO. Grande, esposa minha, era a necessidade que cada um de nós sentia de algum alívio, estando pela viagem, muito atribulada e abatida a minha humanidade e precisada de nutrir-se para subsistir; embora, carregado por minha dileta Mãe, não sentisse cansaço algum, senti o dela, como também o de José. Portanto, supliquei ao Pai se dignasse enviar-nos algum conforto, para que a dileta Mãe e seu esposo pudessem se fortificar, pois a hora era tardia e não podiam ir à busca de uma esmola, tanto mais que haviam sido tão maltratados por toda aquela gente. O Pai dignou-se mandar-nos o alimento por meio de seus anjos. Após a dileta Mãe ter-me nutrido com o seu puríssimo leite, tomou com seu esposo o alimento que lhe havia mandado meu Pai. Podéis imaginar o júbilo com o qual receberam aquela comida! E depois de se terem refeito, com lágrimas de ternura, genuflexos no pavimento, renderam graças ao Doador de todo bem, exaltando a sua providência. Agradei também eu a meu Pai pela caridade e pelo amor que usara para comigo, e agradei-lhe mesmo por parte de todos os meus irmãos, como costumava fazer sempre, e em particular por aqueles que nisto falham. Pedi-lhe se dignasse ser liberal para com os meus irmãos em penúria, provendo-os em suas necessidades. O Pai se mostrava muito inclinado a isto e compassivo.

REPOUSAM NA TERRA NUA. Chegada, no entanto, a hora do repouso, e não havendo ali senão terra nua, José se pôs à parte, e a querida Mãe sentada no chão, sustentando-me nos braços, tomou um breve repouso. Quanta compaixão sentia por isso, vendo-os em tamanha pobreza por meu amor! Suplicava a meu dileto Pai se dignasse conferir-lhes tanta graça que de bom grado aceitassem sofrer tal pobreza. Na realidade, o Pai o fez, de modo que estavam muito mais contentes naquela miséria do que os grandes senhores em seus faustosos e bem providos palácios. Ademais, dava-lhes tanto consolo e sabor de espírito naquele sono que sua natureza humana ficava muito aliviada e consolada.

A ORAÇÃO DE MARIA E DE JOSÉ. Após o breve repouso, a Mãe querida pôs-se em oração, como costumava. Quando estava eu a conversar com o Pai e a pedir-lhe pela salvação dos homens, o Pai frequentemente, elevando-a em altíssima contemplação, atraía a si o espírito dela, de modo que a fazia ouvir tudo o que se passava entre nós, e as instâncias e as orações que lhe apresentava por meus irmãos. Com isto ficava informada e também unia-se muitas vezes a mim em preces semelhantes, pois o Pai fizera com que entendesse que lhe eram muito gratas. Recebeu naquela oração, que fez pela primeira vez ali minha dileta Mãe, grande consolo de espírito, e ficou muito confortada e animada para suportar tantos sofrimentos, assim como o fidelíssimo José. Alegrava-me muito quando minha querida Mãe se unia a mim na prece e, iluminada por meu Pai, fazia orações e preces idênticas às minhas. Alegrava-me ainda mais, por ver nisto muito se comprazer meu dileto Pai. Oferecia este prazer ao Pai e agradecia-lhe pela complacência que nisto depositava, pedindo-lhe se dignasse inspirar ao coração de meus irmãos unirem-se para orar, porque a oração e as petições de muitos unidos eram-lhe mais agradáveis e gratas. Por isso, mostrava-se também mais liberal em ouvi-las. Prometeu-me fazê-lo meu Pai, como realmente vem fazendo e não deixa de fazê-lo. Ainda, no tempo conveniente, dei testemunho disto, declarando-o aos meus discípulos. De fato, era muito aprazível a meu Pai que eles se reunissem para

orar e suplicar juntos. Prometeu-lhes estar no meio deles, como efetivamente se acha, quando a prece e a oração são quais devem ser, e eles estão simultaneamente congregados para a glória de meu Pai e proveito próprio.

GRATIDÃO DE MARIA E JOSÉ. Havendo despontado o dia, a querida Mãe e José deram as habituais graças ao Pai, louvando-o, bendizendo-o e agradecendo-lhe por tê-los provido daquele pequeno albergue. Ofereci os agradecimentos ao Pai e pedi-lhe se dignasse provê-los ainda de todo o necessário a seu e meu sustento. O Pai mostrou-se assaz benigno e cortês, tanto mais que ao mérito deles e às minhas orações juntava-se a gratidão em múltiplas ações de graças pelo que tinham recebido, embora fossem coisas que mais proporcionavam sofrimento do que alívio à natureza, mas eram muito agradáveis e consoladoras para o espírito, porque nelas superabundava a graça divina. Supliquei-lhe ainda se dignasse inspirar ao coração de todos os meus irmãos que, ao receberem alguma graça ou serem de algum modo providos por ele, se lembrassem de render-lhe graças cheias de afeto, a fim de que Ele fosse glorificado e eles próprios se tornassem dignos de receber novas graças e favores. Então, fí-lo eu por todos aqueles que o omitem, para que não ficasse meu Pai privado da glória que se lhe deve e eles não se tornassem tão indignos de receber novas graças, pois eu já havia suprido a essa omissão. Apraziam muito a meu Pai todas essas ofertas e preces e Ele se mostrava muito amoroso e benigno para com os meus irmãos por aquilo que de mim recebia por parte deles. Eu novamente agradecia-lhe, bendizia-o e louvava-o em nome e por parte de todos. Com isso ficava o Pai muito satisfeito e pronto a conceder a cada um as suas graças com toda liberalidade.

O PARAÍSO DE DELÍCIAS. A noite em que estabeleci morada naquela pequena casinha do Egito, pedi ao Pai se dignasse torná-la um paraíso de delícias, onde de bom grado viesse repousar. Já o era, uma vez que a minha pessoa a habitava. Não obstante, para mostrar-me com Ele verdadeiro Filho obediente e em tudo submisso, fazia-lhe essas preces, tanto mais que sabia serem-lhe muito agradáveis. Aquela pequena casinha era habitada por uma multidão de anjos, que faziam a corte a meu Pai e louvavam-no e honravam-no, suprimdo as omissões dos homens. Estavam lá os espíritos angélicos todos atônitos, ao verem minha pessoa tão humilhada e em estado tão humilde e pobre.

JOSÉ PEDE ESMOLA. Depois que a Mãe querida e José passaram grande parte da manhã a louvarem o Pai e a bendizerem-no e a fazerem as habituais orações, andou José pelos arredores, pedindo esmola para poder nutrir-nos. Eu suplicava neste interim ao Pai se dignasse fazê-lo encontrar quanto lhe era necessário, como de fato encontrou, embora aqueles corações fossem cruéis e sem caridade. Olhava, então, o fidelíssimo José com grande compaixão, e pensava ainda como eu, com o tempo, estaria reduzido a ir à procura de um pouco de pão para sustentar-me e ofereci-me ao Pai com toda a prontidão a fazê-lo de boa vontade por seu amor e para dar exemplo a meus irmãos, a fim de que não se agastassem, nem se envergonhassem de andar à procura de viveres para sustentarem-se quando precisados, vendo como eu mesmo me havia humilhado ao fazê-lo, para dar-lhes exemplo, sem ter disto necessidade alguma, porque como verdadeiro Filho de Deus era dono de todas as coisas. Podia pedir ao Pai

que me sustentasse pela providência divina, como também a minha Mãe e a José, sem precisar de alguém, nem andar procurando junto de outros o indispensável. O Pai teria condescendido a minhas petições como fazia em tudo o mais. Mas não quis fazê-lo, ambicionando estar em tudo sujeito àqueles sofrimentos e necessidades a que seriam submetidos meus irmãos. Quis experimentar todas as suas misérias, a fim de melhor compadecer-me delas e para que nenhum deles pudesse escusar-se dizendo: "O Filho de Deus não sofreu e experimentou o que sofro agora." Quis experimentar tudo por saber que tal era a vontade do Pai. Queria Ele que eu deixasse ao mundo um exemplo de todas as virtudes e perfeições imagináveis. Só me utilizei da divindade, unida à minha humanidade, para manter-me em vida, pois não teria podido viver humanamente entre tantos padecimentos sem um milagre da divindade.

O PARAÍSO DE MARIA E DAS ALMAS. Enquanto José estava procurando esmola para sustentar-se, falei com voz sensível à querida Mãe e disse-lhe como se devia comportar em todo o tempo que ali estivéssemos morando. Consolei-a e animei-a a suportar e muito afetosamente acariciei-a, porque estava muito aflita por ver minha pessoa em tamanha miséria. A Mãe ficou confortada e consolada, desejando, se fosse possível, sofrer muito mais para cumprir a vontade do Pai e a minha, a qual constituía uma só coisa com o querer do Pai.

Estando ali, vendo aquela pequena casa já transformada em paraíso, por ser habitada por mim, orei com grande instância ao Pai se dignasse conceder favor semelhante a todos os meus irmãos; quando recebem a minha pessoa na casa da alma, por meio da graça divina, que neles se aterrorize todo monstro de vícios e tornem-se um paraíso de virtudes e de perfeições, onde meu Pai possa encontrar suas complacências e as suaves delícias que Ele deseja. Na alma que possuí a graça divina, habito por amor e meu Pai muito gosta de fazer nela sua morada. Sabei que, onde se encontra a graça divina, acha-se também toda Trindade, que lá habita por meio da graça e do amor. Ora, estas almas, um paraíso, são muito mais agradáveis a meu Pai quando se exercitam nas virtudes. Roguei com grande instância ao Pai que desse às almas mencionadas espírito e força tais que pudessem fazer exercício de todas as virtudes, pois assim se lhe tornam mais agradáveis e Ele fica mais honrado e satisfeito. O Pai prometeu-me fazê-lo. E verdadeiramente, as almas que aproveitam a graça e os dons e aplicam-se ao exercício das virtudes verdadeiras e sólidas, assemelham-se a outros tantos paraísos, onde o Pai estabelece morada de muito bom grado por meio da graça. Nelas se compraz e enriquece-as de novos favores e graças. Via, minha esposa, algumas dessas almas realmente afortunadas, pois sabiam se servir bem das graças divinas, para o gosto de meu Pai e para o bem próprio. Agradecia ao Pai por sua condescendência para com as mencionadas almas, e agradecia-lhe também por parte delas, acerca de quanto se dignava operar para seu proveito. Via depois muitas delas — e quase em número infinito — que, abusando da graça divina, a expulsam de si, sem fazerem conta alguma dos benefícios divinos. Servem-se dos favores divinos para ofenderem mais o Pai, tornam-se indignas de serem habitadas por meu Pai, mediante a graça e o amor. Em consequência, tornam-se habitações dos pecados e dos monstros infernais, fazem-se odiosas ao Pai. Oh! destas sim, esposa minha, sentia dó muito grande! Chorava de modo inconsolável sua desgraça, e tanto mais que elas pró-

prias faziam todo o mal a si mesmas. Contristava-me ainda ver meu Pai expulso tão cinicamente das almas miseráveis e no atinente a estas, era privado da glória, da complacência e da satisfação que delas desejava retirar. Rogava a meu Pai ter piedade de tais almas e dignar-se com potentes palavras chamá-las novamente a si; e ao retornarem pela penitência, se dignasse recebê-las, e dar-lhes a graça. Prometeu-me fazê-lo o Pai benigno e amoroso. E, deveras, esposa minha, é grandioso! O Pai mostra-se, ao fazê-lo, muito misericordioso e infinitamente bom. Uma alma que o expulsara de si e dera acesso a seus inimigos, com um só ato de arrependimento é recebida por Ele e abraçada, como se dela nada tivesse recebido, e esquecido de tudo admite-a em sua amizade, como anteriormente. Tal era o maior pesar que assaz me afligia, isto é, ver a grande bondade do Pai e a perversidade dos meus irmãos que com tanto cinismo dela abusam, e não lhe dão importância alguma. Louvava, bendizia e agradecia tão grande bondade, por parte de todos, e especialmente por parte daqueles que não o conhecem e abusam, não lhe dando importância alguma. O Pai se contentava com aquilo que eu fazia, ao receber de mim a honra, a glória, o agradecimento; e todos os males ficavam para aqueles miseráveis que, abusando da divina bondade, permaneciam em sua cegueira e obstinação, e por isso eram sumamente indignos de se tornarem habitação de Deus.

NOS BRAÇOS DE JOSÉ. Ao retornar o pacientíssimo José, trazendo algumas provisões também para a sua esposa, começaram a render as habituais graças a meu Pai por tudo aquilo de que se dignara provê-los. Falei ao coração da Mãe querida que, terminados os louvores divinos, me entregasse por algum tempo aos braços de José. Fê-lo a Mãe diletta com grande solicitude, desejando também ela consolar seu fidelíssimo esposo que se achava em tanta angústia, por ter estado durante certo tempo privado de ver-me a mim e a sua amada esposa, enquanto saíra em busca de esmola. Também eu tinha desejo muito intenso de proporcionar consolo àquela alma santa, que por meu amor se achava em tal angústia e tribulação. Mal me recebeu nos braços, desfez-se em lágrimas de consolação e alegria, e eu, com muitas carícias infantis e amorosas, ia animando-o. Olhava-o com olhos compassivos e ele, num êxtase de alegria, ficava inteiramente absorto num prazer inexplicável. Suplicava então ao Pai se dignasse atrair a si todos os seus sentidos e a sua alma com todas as suas potências e lhe fizesse conhecer os mistérios divinos, em mim ocultos. Fê-lo meu Pai, de maneira assaz admirável, e sua alma se tornava cada vez mais santificada e iluminada pela luz divina. Rogava ainda ao Pai que, assim como se dignara comunicar a José graças e dons tão sublimes, por meu amor e as minhas instâncias, se dignasse conceder semelhantes graças a todos meus irmãos que se exercitam em atos de humildade e de mortificação, por meu amor. Se estivessem aflitos por aquilo que lhes convinha sofrer na prática de semelhantes virtudes, Ele se dignasse confortá-los com as divinas consolações. O Pai prometeu-me fazê-lo. De fato, esposa caríssima, tal alma merece ser consolada, e meu Pai, sendo muito justo, não deixa de fazê-lo; ao invés, dá com abundância nesta circunstância, fazendo muito mais do que aquilo que ela merece. Alegrava-me ao vê-lo, e agradecia a meu Pai, vendo-o tão liberal para com meus irmãos e como se revelava inteiramente atento a consolá-los e a

satisfazer todos os desejos deles, quando esses são ordenados à sua maior glória e ao proveito de meus irmãos.

Estando, pois, assim nos braços de José, e tendo-o consolado plenamente e enchido sua alma de nova graça, como de costume, — cada vez que ele me segurava nos braços, conferia-lhe nova graça e favores e enchia-o das luzes divinas — fiz a querida Mãe entender que de novo me tomasse nos braços, porque já a sua alma sofria aflição de amor, e experimentava grande violência em privar-se de minha pessoa, quase como se lhe partisse o coração no peito. Não obstante, alegrava-se com o bem de José e de bom grado sofria aquela dor, para que ele ficasse consolado. A querida Mãe, porém, não ousava jamais reclamar-me, se eu não o ordenasse e se José não me devolvesse espontaneamente. Por isso eu fazia com que José conhecesse por luz divina a violência e a angústia de sua puríssima esposa e inspirava-lhe ao coração que logo me devolvesse a ela. Imediatamente o fazia o obedientíssimo José, privando-se da consolação, para cumprir a minha vontade e consolar sua puríssima esposa.

PEDE LEITE. Recebeu-me novamente a querida Mãe, estreitou-me ao coração e eu para consolá-la mais, fiz-lhe compreender como tinha necessidade de algum conforto, e por isso ela me refizesse com o seu leite puríssimo. Fê-lo a dileta Mãe com grande consolação de sua alma. Antes, contudo, de aleitar-me, pôs-se de joelhos. Isto ela o fazia todas às vezes, pedindo a benção ao Pai e rogando-lhe permissão. E porque era tão humilde, jamais ousava fazer coisa alguma sem primeiro pedir licença a meu Pai. Principalmente quando tinha de dar-me o leite, reputando-se indigníssima para tal, fazia primeiro muitos atos de humildade e humilhação de si mesma, os quais eram muito agradáveis a meu Pai e a mim. Ao mesmo tempo que eu tomava o leite, suplicava ao Pai se dignasse enchê-la de nova graça. O Pai o fazia com muita liberalidade e saciando-lhe a alma de graça, fazia repercutir ainda no corpo a saciedade de tal modo, que muito de leve se alimentava, porque não sentia necessidade alguma de alimento corporal. Frequentemente fruindo das graças divinas, também a sua humanidade era muito confortada e revigorada, bem mais do que se ela se houvesse nutrido das mais esquisitas iguarias que possam se encontrar no mundo. No entanto, suplicava ao Pai que assim como concedia a minha humanidade a restauração, assim se dignasse dá-la igualmente aos meus irmãos necessitados, que eu via então. Agradecia ao Pai, que nisto se mostrava muito liberal, por aquilo que se dignara dar-me e ainda agradecia por parte de todos os meus irmãos, que com tanta liberalidade por Ele eram providos.

PEDE PARA REPOUSAR NO CHÃO. Depois de haver-me alimentado e dado as devidas graças ao Pai, fiz minha dileta Mãe entender que queria descansar um pouco, tendo disso a minha humanidade muita necessidade, e por isso me colocasse no chão, pois queria ficar no chão para repousar e privar-me do consolo que sentia ao descansar nos seus braços. A este aviso, a Mãe dileta encheu-se de dor, não tanto por ficar privada de ter-me no cofo, quanto pela compaixão sentida em ter de me colocar sobre a terra nua. Tanto mais que a estação estava muito fria e a casa exposta às intempéries da estação e muito estragada. Obedeceu, contudo, e pôs-me no chão para descansar. Ela e seu esposo José, genuflexos, ficaram diante de mim, e com muitas lágrimas estavam me contemplando, tendo